



0 – O Louco (Andarilho): está numa eterna busca, muitas vezes nem ele sabe especificamente do que; representa o princípio e o fim, o pensamento inconsciente, o querer, o destino e a ingenuidade; a carta do tarot de Marselha O Louco pode significar o início de uma nova empreitada, com disposição para encarar o novo e o desconhecido; também representa a moral e o questionamento de padrões dúbios de comportamento; a carta O Louco pode também indicar uma inclinação a se voltar mais para a espiritualidade.



Vincent não era louco. Antonin tinha certeza disso. Aliás, escreveu um ensaio defendendo-o, a partir de um pedido de Pierre. O livro surgiu na K Éditeur no final do ano de 1947, e veio a público apenas alguns meses antes da morte de seu autor. Um ano antes, o mesmo Antonin já sentenciara: **a sociedade tacha de loucura as visões exorbitadas de seus artistas e sufoca seus gritos no papel impresso. Foi assim que calaram Charles, Edgar, Gérard e Isidore,** ele me dizia.

Dia desses, ouvindo o que Gilles tinha a dizer sobre os autores que **escrevem de modo estrangeiro em sua própria língua,** lembrei de Vincent. Porque Vincent era um pintor que pintava em uma língua diferente a da pintura. Incompreendido, não foi aceito por sua época. Fazia o que não devia ser feito, com o **escrúpulo único da pincelada surda e pateticamente aplicada. A cor plebéia das coisas, mas tão justa, tão amorosamente justa, que não existe pedra preciosa tão rara quanto ela.** Tal e qual como na obra poética de Ana, não havia entrelinhas na pintura de Vincent.

*Hã em todo demente um
gênio incompreendido em
cuja mente brilha uma
ideia assustadora, e que
só no delírio consegue
encontrar uma saída para
as coerções que a vida
lhe preparou.*

“Não tem insinuação nenhuma, não”, diria Ana.

Já as visões exorbitas conversam com a turbulência a que se referia Peter: ela atravessa domínios tão distintos como a experiência cotidiana, a linguagem, a arte e o pensamento, provocando neles uma espécie de subversão silenciosa, que se caracteriza por uma conjugação incomum de evanescência e intensidade, passividade e paixão, solidão e comunhão, vida e morte, excesso e dissolução (do sujeito, do saber, da totalidade, do tempo, da memória, do trabalho, da linguagem). Esses efeitos são os mesmos que marcam a loucura.

Peter insiste: não é a loucura que está sendo descrita, mas um modo específico que nossa cultura encontrou para relacionar-se com o Fora. A literatura, a arte e a loucura fazem parte do que Maurice denominava “A parte do fogo”, aquilo que uma cultura reduz à destruição e às cinzas, aquilo com o que ela não pode conviver, aquilo de que ela faz um incêndio eterno.

*Em todo psiquiatra vivo há
um repugnante e sórdido
ataxismo que lhe faz ver
em cada artista, em cada
gênio, diante dele,
um inimigo.*

O próprio Peter, tentou mostrar, por meio da relação de Gilles e Michel com a literatura, como a paixão do fora teria causado em ambos um sopro desarrazoado, redesenhando a relação do pensamento com seus confins, chame-se ele fora, desarrazo, loucura ou fluxo esquizo. Até mesmo porque, se existe razão, claro está que existe uma desarrazo.

Michel escreveu sua “História da Loucura” a partir de seu interesse pela presença da loucura na literatura. E Peter, pensando nas palavras de Michel logo entendeu que se ele acreditava na literatura, é porque acreditava em uma exterioridade. E mais, o interesse de Michel na linguagem da loucura baseava-se no fato de que é justamente nela que está em jogo essa mesma exterioridade.

Gilles dizia que Antonin **pode ser considerado a realização da literatura precisamente porque ele é esquizofrênico e não porque ele não é.** E o que é esta esquizofrenia senão uma certa relação com o processo e o fora? **A esquizofrenia é uma possibilidade do pensamento.**

*Quando fico doente é porque
me enfeiticaram, e não
posso me considerar doente
se não creio que alguém
tem interesse em roubar
minha saúde e tirar
proveito disso.*

Assim como Antonin, Vincent e sua vida no pensamento do fora sofrem essa abrupta interrupção quando ele, diagnosticado, internado e “tratado”, se torna o esquizofrênico de hospital ao qual se refere Peter, pois o esquizofrênico de hospital é totalmente outra coisa - fechamento do fora, interrupção do processo, ou sua intensificação vazia.

O esquizo de Peter, aliás, é um personagem conceitual, que não deve ser confundido com sua figura psicossocial, entidade clínica social - e acrescento: culturalmente - produzida, trapo de hospital. Não se pode confundir, em suma, o pensamento enquanto relação com o fora, e a loucura enquanto clausura do fora.

Artifício e novo triunfo da loucura: esse mundo que acredita avaliá-la, justificá-la através da psicologia, deve justificar-se diante dela, uma vez que em seu esforço e em seus debates ele se mede por obras desmedidas como as de Friedrich, de Vincent, de Antonin. E nele não há nada, especialmente aquilo que ele pode conhecer da loucura, capaz de assegurar-lhe que essas obras da loucura o justificam.

*Vincent é pintor e nada
mais, nada de filosofia,
de mística, de rito, de
psicurgia ou de liturgia.*

(...)

*Seus girassóis de ouro
brônzeo estão pintados:
eles estão pintados como
girassóis e nada mais.*

Michel nos contou sobre como a razão psiquiátrica converte a loucura em silêncio. O fato psicossocial da loucura constitui um triste congelamento. Muitos anos antes, Antonin já sentenciara: **em todo psiquiatra vivo há um repugnante e sórdido atavismo que lhe faz ver em cada artista, em cada gênio, diante dele, um inimigo.** Essa mesma razão que se diz portadora de uma cura, de uma normalidade. Mas o que é a normalidade senão o refúgio dos mediocres, dos covardes, dos iguais. Um desperdício de possibilidades, um fechamento à potência da vida.

Gilles já dizia que **uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é a potência.** Aqueles que recém nascem são atravessados por essa potência, pela vida imanente. E aí é que está! Vincent não tirou sua própria vida por ser louco. Vincent, meus caros, não era louco. Vincent vivia no pensamento do Fora. Mas, assim como Ana, Vincent percebeu ser incapaz de viver a vida em sua plena potência e como fazia em sua pintura, encontrou no suicídio, o ponto final mais apropriado para essa existência.

*Porque a humanidade não
quer pagar o preço de
viver, de entrar neste
conflito natural das forças
que compõem a realidade
para extrair daí um corpo
que nenhuma tempestade
poderá danificar.*

Antes de pôr em prática a derradeira decisão de dar um ponto final, Ana deixou um manuscrito onde dizia: **te deixo meus textos póstumos. Só te peço isso: não permitas que digam que são produtos de uma mente doentia!**

Infelizmente - tal e qual temia Ana sobre o destino de sua obra - quando se trata de Vincent, a sociedade deixa de lado o que realmente interessa e se agarra, ainda hoje, às leituras simplificadas e inférteis que se apegam a uma pretensa “psicologia” do artista, mergulhando dia após dia nesse “obscurantismo biografílico”, baseado em orelhas cortadas e interpretações subjetivas de mensagens que ele não deixou. Vincent não era louco.

Este ensaio foi escrito, na verdade, por Airtón Jordani. Vincent, na verdade, é Vincent Willem Van Gogh. Antonin, na verdade, é Antonin Artaud. Pierre, na verdade, é Pierre Loeb. Charles, na verdade, é Charles-Pierre Baudelaire. Edgar, na verdade, é Edgar Allan Poe. Isidore, na verdade, é Isidore Lucien Ducasse, conde de Latrémont. Peter, na verdade, é Peter Pal Pelbart. Gilles, na verdade, é Gilles Deleuze. Ana, na verdade, é Ana Cristina Cesar. Michel, na verdade, é Michel Foucault. Maurice, na verdade, é Maurice Blanchot. Friedrich, na verdade, é Friedrich Wilhelm Nietzsche. Os textos escritos em marrom, na verdade, são de autoria de Antonin Artaud. Os textos escritos em cinza, na verdade, são de autoria de Peter Pal Pelbart. Os textos escritos em laranja, na verdade, são de autoria de Gilles Deleuze. Os textos escritos em vermelho, na verdade, são de Michel Foucault. Os textos escritos em verde, na verdade, são de autoria de Ana Cristina Cesar. O resto, possivelmente, é tudo mentira.